

RETROSPECTIVA DE MALANGATANA E ENSINO DAS ARTES

— vistos por Sá Nogueira, pintor português

Por Maria de Lourdes Torcato

A estada em Maputo de um pintor português, professor da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, por uma semana, é motivo para uma conversa com este semanário.

Rodolfo de Sá Nogueira é convidado da Secretaria de Estado da Cultura. Veio pela primeira vez a Moçambique. E é evidente a avidez com que procura captar e entender esta estranha realidade, mesmo vista apenas através de Maputo e um pouco os seus arredores. E principalmente através dos meios culturais e das Artes Plásticas em particular.

Encontrámo-lo na Polana às 11 da manhã, ocupado com a redacção de um relatório. Porque, diz ele — «eu vim cá, incumbido pelo Director da minha Escola, para me informar dos problemas que afligem a vossa Escola de Artes Visuais».

A viagem foi paga pela Fundação Gulbenkian e esta acrescentou mais uma incumbência a Sá Nogueira: ver das possibilidades de realização de uma exposição retrospectiva da obra do pintor Malangatana, para a qual a SEC solicitou o apoio da Fundação.

A pergunta sobre do que achava a respeito da Escola de Artes Visuais, ele disse simplesmente: É um acto heróico.

UMA ESCOLA CHEIA DE CARÊNCIAS

Manter em funcionamento a Escola de Artes Visuais de Maputo, tal como eu a vi, é um acto heróico de professores e alunos. As carências são visíveis. O edifício, à parte a degradação que evidencia, satisfaz no conjunto o fim a que se destina. Depois de recuperado e há que fazer isso, ele cumpre.

Mas quanto ao resto, praticar o ensino com as carências de mate-

riais de base como lápis, papel, tintas, é impossível.

Os professores fazem esforços — construíram por exemplo um forno para fazer cerâmica — são realmente professores cooperantes no verdadeiro sentido da palavra.

Mas a situação em que trabalham é uma situação de ruptura em termos de capacidade humana. É heróica. Por exemplo quando os professores me contam que há uma criança que se levanta às 3 da manhã para ir para a escola — veja em que condições as crianças estão

porque tudo está por fazer. Tem de se começar pelo princípio.

Disciplinar esta zona do conhecimento é uma coisa complexa porque toca em áreas muito melindrosas, como por exemplo a liberdade de criação. É sempre objecto discutível pois não é fácil entender: como preservar disciplinando? Não vai ser de somenos o ensino artístico. É fácil de ver como é importante.

A RETROSPECTIVA DE MALANGATANA

Sá Nogueira falou com muito em-



«A obra de Malangatana reflecte a pais onde nasceu»

a aprender. Também me contaram que por vezes os professores compram material com o seu ordenado... é preciso ser corajoso.

E como vê a possibilidade de a Escola Superior de Belas Artes dar apoio?

— Não sei pois em princípio a ESBA tem convénios com as suas congéneres e esta é uma Escola Básica (o que é muito correcto... nada de pressas). Por isso não sei. Vou relatar ao meu Director e discutir com ele e com outros colegas. Pode haver apoio a nível individual. De imediato ainda não sei o que aconselhar.

O mais importante é uma ajuda económica e essa pode ser da Fundação Gulbenkian.

Considera portanto o papel da Escola de Artes Visuais importante?

— A Escola é um dos fundamentos de uma sólida organização das Artes. Aqui a situação é complexa

A Escola é um dos fundamentos de uma sólida organização das Artes. Há aqui uma «explosão» de criatividade que só uma Escola pode controlar.

penho na exposição de Malangatana:

— Depois destes dias aqui e em contacto com a realidade moçambicana, vejo a relação próxima entre a exposição de Malangatana e a Escola de Artes Visuais. Na minha mente começa a formar-se a ideia de como são próximas.

O interesse da retrospectiva não é apenas mostrar a obra de um homem: é fazer notar como ela se desenvolveu em determinadas condições e quais as condições. E assim levar as pessoas a compreenderem como a Arte não está divorciada da vida. E em reflexo, como ela esclarece e enriquece espiritualmente as pessoas.

A obra de Malangatana é o reflexo do país onde ele nasceu.

Conheço a obra dele através de exposições que vi em Portugal. Ele é profundamente africano e tem essa atracção para nós. Todavia, não entendo a obra dele. Faltam-me dados para a ler. Mas sinto-a. Sinto a mensagem, o conteúdo e muito mais agora que aqui vim. O que eu pude ver está na pintura do Malangatana — a obsessão dos olhos — são os olhos das crianças que vejo na rua. Aquela mesma inocência, aquela interrogação... Se existe esta verdade na obra do Malangatana, isso prova que esta actividade, este contributo



para o desenvolvimento espiritual através da reflexão que uma obra propõe, e em si mesmo um contributo para o progresso, não é verdade?

Porque o progresso não é feito só de coisas materiais. A Escola de Artes Visuais pode permitir não só a descoberta de valores deste tipo como a possibilidade de realização de outros valores. Ela será um centro de investigação, de meditação,

para o desenvolvimento espiritual através da reflexão que uma obra propõe, e em si mesmo um contributo para o progresso, não é verdade?

Esta vinda implica despesas de embalagem, transporte e seguros, e ainda a edição de um catálogo, a aquisição de equipamento para o local de exposição, a realização de filmes e audio-visuais, etc. Por isso

se conta com o apoio da Fundação Gulbenkian.

Sá Nogueira, não deixou de frisar a importância didáctica de tal exposição e só por isso, pelo modo como sinceramente sente esta questão, não deixará de advogar a nossa causa junto das entidades que o mandaram para vir a Moçambique. Para, usando a sua expressão, ver os problemas que nos afligem.

A obra de Malangatana é o reflexo do País onde ele nasceu. O interesse da retrospectiva não é apenas mostrar a obra de um homem: é fazer notar como ela se desenvolveu em determinadas condições e quais as condições. E assim levar as pessoas a compreenderem que a Arte não está divorciada da Vida.

de crítica e também de orientação.

Como pintor tento ler a obra de Malangatana — e ela faz-me ver a própria terra moçambicana, o riqueza que ela tem e não é ainda aproveitada. Riqueza de formas... O que é necessário é que ela se torne um manual para os artistas futuros, que ele não seja o único.

E é mais uma vez a Escola que tem de resolver isso. Não se pode deixar ao acaso.

Foi no dia da abertura da exposição de Arte e Artesanato no local das obras da barragem dos Pequenos Libombos, que encontramos Sá Nogueira, pela primeira vez. E a propósito dessa Exposição ouvimo-lo comentar, decerto continuando a sua reflexão sobre a Escola: Por esta exposição se vê que existe uma «explosão» de criatividade que só a Escola pode controlar.

A retrospectiva da obra de Malangatana exige um apoio financeiro importante pois ela implica trazer para o país muitas obras do pintor que estão hoje no estrangeiro, nas mãos de colecionadores públicos ou privados. A ideia não pode ser trazê-las todas, mas apenas o mínimo de quadros necessários para



A existência da Escola de Artes Visuais em Maputo é um acto heróico — diz Sá Nogueira

Sá Nogueira num encontro com artistas moçambicanos no Núcleo de Arte